

## DESMORONAR O HORIZONTE\*

Myriam Bahia Lopes\*\*

**Resumo:** A Serra do Curral situada no Quadrilátero Ferrífero do Estado de Minas Gerais, tem sido objeto de exploração mineral ao longo dos últimos três séculos. A história da técnica de mineração nos permite ligar o local ao global do capitalismo mundial integrado e compreender a herança da economia colonial. O aumento do ritmo e da escala das operações acelera o risco para a estabilidade da Serra do Curral. O texto faz dialogar três registros, o acadêmico, o literário e o etnográfico que se completam. A noção de horizonte articula o corpo e o meio na compreensão de ser e de estar no espaço. O horizonte é dinâmico e participa do processo de subjetivação de cada habitante. Se o horizonte produz o espaçamento do ser, faria sentido desmoroná-lo?

**Palavras-chave:** Horizonte; Montanha; Paisagem; Mineração, Limite.

## COLLAPSE THE HORIZON

**Abstract:** The Serra do Curral situated in the Iron Quadrangle of Minas Gerais State has been the object of intrusive mineral exploitation over the last three centuries. The history of mining technique allows us to link the local to the global at the world integrated capitalism and to understand the colonial economy's heritage. The increased pace and scale of operations have accelerated the risk to Serra do Curral's stability. Three registers, the academic, the literary and the ethnographic complement each other. The horizon articulates the body and the environment, produces the understanding of being in space; the horizon is dynamic and institutes the subjectivity of each inhabitant. If the horizon constitutes the being, would it make sense to collapse it?

**Keywords:** Horizon; Mountain; Landscape; Mining; Limit.

\* Artigo recebido em 23/12/2023; Aprovado em 10/02/2025.

\*\* Doutora em História pela Université Paris 7, França/ Professora, pesquisadora e orientadora na Escola de Arquitetura e Design da UFMG. Coordenadora do NEHCIT (<http://sites.arq.ufmg.br/nehcit>). ORCID: 0000-0003-4146-4058. Agradeço a Université de Toulon (UTLN) o convite do Prof. Philippe Pedrot e Prof. Jean-Christophe Valmalatte. O presente texto é o desdobramento do projeto FAPEMIG – APQ-02775-15.

## PRIMEIRA PARTE

Se o horizonte é o limite da minha visão, qual é a sensação, para citar apenas um exemplo, dos habitantes da capital de Minas Gerais face ao seu desmoronamento? Como a Serra do Curral desliza, o movimento da linha do horizonte é provocado pela ação simultânea sobre as suas duas vertentes, da exploração mineral de ferro, de ouro e da edificação de torres.



Figura 1: Serra do Curral.  
Fonte: Google Maps

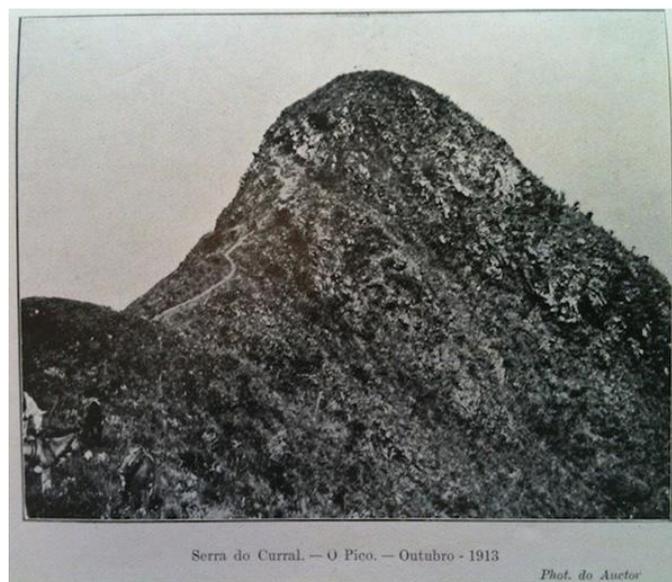


Figura 2: Pico de Belo Horizonte.  
Fonte: Biblioteca IHGMG



Figura 3: Serra do Curral vista da vertente de Nova Lima.

Fonte: Foto Fernando Rabelo; In: blog Images&Visions; <https://imagesvisions.blogspot.com/2014/02/o-desabamento-da-serra-do-curral.html> — Consultada em 25/05/2023.

## 1 A MEGAMINA, O SETOR FINANCEIRO E A ACELERAÇÃO

“No horizonte existe apenas a máquina”.

- Félix Guattari

Lewis Mumford<sup>1</sup> (1967) formula a expressão megamáquina e assinala que o setor financeiro está ligado às minas, à metalurgia e ao militarismo. A megamáquina opera na aceleração. A megamáquina é regida pelo tempo da finança, um tempo fora da escala humana; a aceleração da bolsa decorre da velocidade dos algoritmos com uma delegação de poder à máquina. O que conta nas decisões tomadas sobre a produção minerária é a

---

<sup>1</sup> Lewis Mumford (1895-1990) escritor, filósofo e historiador norte-americano da ciência e da técnica, da cidade e do urbanismo.

aposta em aumentar de forma ilimitada o lucro a partir dos jogos da bolsa de valores e de mercadorias. Nos cálculos das transnacionais, os limites das instalações do complexo minerário não são levados em conta, como observamos por ocasião da ruptura das barragens de rejeito minerário em Mariana (2015) e Brumadinho (2019), que deu origem a morte de dezenove pessoas soterradas na primeira e de duzentas e setenta e duas pessoas na segunda.

Com a intensificação ilimitada da produção, a aceleração produz o desastre. Aceleração e desastre são as duas faces da mesma moeda, como havia assinalado Paul Virilio<sup>2</sup>. Esse autor propõe a criação de um museu do desastre e de uma universidade do acidente de forma a estudar os estragos induzidos pela propaganda do progresso. Segundo Paul Virilio existem momentos na aceleração nos quais a razão cede lugar ao irracional. Nessa direção nós levantamos a questão da irracionalidade da exploração<sup>3</sup> mineral. O desastre faz parte de um programa, como nos revelam os mapas e a simulação da ruptura da barragem. Um sinal mais do que evidente da negligência das empresas é a delimitação de um círculo no entorno da barragem de rejeitos – certificada como instável, mas ainda em operação, ou abandonada sem manutenção – denominado de área de auto-salvamento. A megamina se apoia na necropolítica. Essa expressão formulada por Achille Mbembe revela como o neoliberalismo contemporâneo retoma aspectos da economia colonial no seio do qual a vida do negro, do povo autóctone e de seu meio<sup>4</sup> não contam.

No Quadrilátero Ferrífero<sup>5</sup>, delimitado pela Serra do Curral, podemos contar mais de três séculos de exploração mineral. Sua história está fechada em um círculo de

---

<sup>2</sup> Paul Virilio (1932-2018) filósofo e urbanista francês que estuda o tema da velocidade em vários de seus livros e o denomina de dromologia.

<sup>3</sup> **Exploração** é a retirada intensiva de recursos naturais por meio de maquinário com fins de beneficiamento, transformação e utilização. Para a geologia, a **exploração** diferentemente compreende a fase de prospecção, ou seja, de pesquisa das características dos depósitos e de avaliação se eles têm valor econômico.

<sup>4</sup> **Meio** é uma noção que no século XIX, Auguste Comte (1798-1857) em seu *Curso de Filosofia Positiva* importa da física para a biologia para explicar que há uma relação dinâmica de interrelação do organismo e do seu entorno, o meio atua sobre o organismo e o organismo atua sobre o meio no processo de produção da vida; somente na espécie humana o meio seria radicalmente alterado. A noção de **meio** foi fundamental para a compreensão da disputa de saberes oitocentistas na história do corpo e da cidade (BERQUE, 2015, p. 567-579). Augustin Berque (1942-) geógrafo, filósofo e orientalista francês escolhe a noção de meio como operador de suas reflexões ecológicas e a partir de sua frequência da literatura oriental, em especial nos livros, *La mésologie: Pourquoi et pour quoi faire ?*, *Glossaire de mésologie* e *Mésologie urbaine*.

<sup>5</sup> O Quadrilátero Ferrífero é uma importante unidade geotectônica do Cráton do São Francisco e importante província mineral brasileira.

repetições: centenas de mineiros mortos no trabalho e a supressão da vida da bacia onde se situa a mina. Apesar de ser visível o assolamento do horizonte, a memória desses desastres e de suas vítimas é ocultada. Na segunda parte do texto indicamos como a análise do texto literário ou etnográfico pode ser uma chave para se ter acesso a ela.

## 2 ENTRE A MINA E O ARRANHA-CÉU

Stephen Graham<sup>6</sup> (2018, p. 55-56) nos propõe considerar o arranha-céu como cava de mina invertida. Esse autor se inspira do trabalho de Gray Brechin (BRECHIN, 2016, p. 67 apud GRAHAM, 2018, p. 55) de Berkeley, sobre a pilhagem de recursos que permitiu o crescimento explosivo de São Francisco, no século XIX. A corrida do ouro por volta de 1850, na Califórnia e as cavas de minas cada vez mais profundas, permitiram a criação e a utilização de ventiladores, sistemas de iluminação e elevadores seguros de grande velocidade. Essa tecnologia foi, em seguida, a base da construção dos arranha-céus.



Figura 4: Paliteiros ou arranha-céus?  
Fonte: Foto do Autor, 201\_.

---

<sup>6</sup> Stephen Graham (1965-), geógrafo e urbanista britânico, Gray Brechin (1947-) geógrafo, historiador da arquitetura e autor do livro *Imperial São Francisco, urban power earthly ruin*.

Segundo Brechin depois de um século e meio, os arranha-céu das finanças, emblemas dos centros de cidades mundializadas, deveriam ser considerados, economicamente e geograficamente, como “paisagens minerárias invertidas”. Isso se explica porque “as torres dependem, por sua vez, da grande variedade de materiais necessárias à sua construção e de uma riqueza da especulação que – reinvestida – repousa ela também massivamente na extração minerária” (BRECHIN, *idem*). Em Belo Horizonte, na mesma vertente da Serra do Curral, se acotovelam a segunda mina de ouro (do mundo) em profundidade e a profusão de arranha-céu.

### 3 O ESPAÇAMENTO, A PAISAGEM E O HORIZONTE

“Florestas, montanhas não são meros conceitos,  
São nossa experiência e nossa história, uma parte de nós mesmos”.  
- Friedrich Nietzsche

“Eu não estou dentro do espaço, eu estou no espaço.  
O espaço não é um vis-à-vis; ele não é primeiro uma representação: é uma espécie de  
ser que produz e que me produz”.  
- Baldine Saint-Girons

Segundo Collot (2011, p. 21), a paisagem emerge quando “o homem face a seu entorno toma a distância necessária para uma visão de conjunto e para a abertura de um mundo comum, que ultrapassa os limites do território. Mais ainda, é no cruzamento de dois traços, a vertical da silhueta humana e a linha do horizonte, que nasce a orientação do espaço”.

A paisagem é um “espaço transicional” no sentido dado por Winnicott (COLLOT, 2011, p. 30); é um “espaçamento do sujeito” (COLLOT, 2005, p. 34). A noção de horizonte nos remete à problemática ligada ao limite, à fronteira, ela é tomada como uma espécie de área transicional entre o objetivo e o subjetivo, o atual e o virtual, o real e o imaginário. A estrutura do horizonte, noção da fenomenologia de Husserl “rege tanto a

percepção das coisas no espaço como também a consciência íntima do tempo e a relação com o outro” (COLLOT, 2011, p. 93).

Nós estudamos nesse texto as noções de horizonte e de paisagem à luz da análise elaborada por Michel Serres (1992, p. 81). Com outros autores, Serres propõe anular a designação do homem como sujeito e o meio como objeto e visa ainda substituir a relação parasitária existente entre eles por uma relação simbiótica.

#### 4 PAISAGEM

François Dagognet (1983) evoca uma leitura da paisagem ocidental a partir da noção de propriedade. Ele se encontra com Michel Serres que assinala o binômio propriedade – poluição em seu livro *O mal sujo*. A reivindicação da propriedade pelo homem exprime um gesto arcaico, que podemos observar nos animais, a de sujar para marcar e delimitar a propriedade. Para Serres (1992), a poluição do planeta segue a expansão crescente e paradoxal da propriedade, sem limite, sobre a terra.

Segundo Dagognet (1983, p. 9), “a paisagem chega a nós com a morte dos jardins”, quer dizer, “a paisagem ultrapassa o espaço limitado do jardim. Com a paisagem se abre (...) um fora que escapa ao aprisionamento de um dentro muito enclausurado (...) trata-se de sentir junto através da paisagem. A paisagem e seus benefícios, o que é arriscado de se dissipar se ela não for defendida, pois ela pertence a todos nós.”

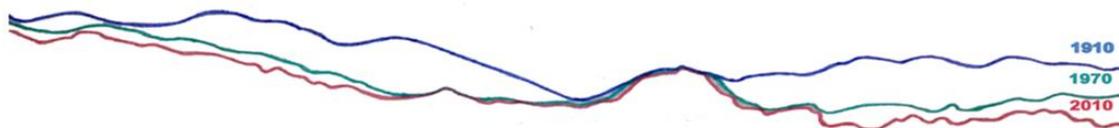


Figura 5: Croqui com alteração da linha da cumeada da Serra do Curral.  
Fonte: Autor.

## 5 UM POUCO DE HISTÓRIA E ETIMOLOGIA DA NOÇÃO DE HORIZONTE

A noção de horizonte – estudada por Céline Flécheux e Michel Collot no quadro da cultura ocidental – é “mais que uma imagem e menos que um conceito” (FLÉCHEUX, 2009, p. 10); ela remete a um pensamento que opera no sensível.

Sigamos o livro de Flécheux e de seus três “lugares de encontro com o horizonte” – a arte, a filosofia e a paisagem.

Segundo a história ocidental dessa noção, é durante a segunda metade do século XV que o significado da palavra “horizonte” muda radicalmente (FLÉCHEUX, 2009, p. 11). Primeiramente, horizonte era compreendido como simples linha. Horizonte vem do grego *orismos*, limite. A raiz *oros* é a borda do campo, marcada por uma pedra ou uma coluna. Oriunda do verbo grego, *orizo* e do latim, término, destino, o verbo *orizo-on* significa, por sua vez, “separar por uma fronteira, delimitar” e determinar, definir (FLÉCHEUX, 2009, p. 19).

A definição se amplia para “parte da terra ou do mar que nós podemos descobrir com os olhos”. A atenção se desloca e o horizonte se aproxima da paisagem compreendida como visão de conjunto, abertura. O *pays* significa lugar e a paisagem (imagem) indica um ponto de vista de conjunto sobre ele.

Na arte ocidental, no século XVIII, o gênero pictural da paisagem é habilitado.



Figura 6: Gustave Courbet, *A onda*.  
Fonte: Autor. Paris, Musée D’Orsay

No século seguinte, nas telas<sup>7</sup> de Caspar David Friedrich, William Turner, Gustave Courbet, Ferdinand Victor Eugène Delacroix, o horizonte se eleva do fundo da tela. Na obra de Courbet, tela considerada como um manifesto da pintura moderna, a composição produz a visão como resultado sucessivo da desarticulação – porque não há mais planos sucessivos – e de uma nova articulação do mar e do céu.

No fim da primeira parte do texto nós levantamos a seguinte questão: Pode o estudo do horizonte e da paisagem nos levar a uma estética e a uma ética do limite, diante da injunção do desejo do infinito e do ilimitado que pressiona pela derrocada do horizonte?



Figura 7: Cortes de recursos minerais da serra.  
Fonte: IPHAN, 1958.

---

<sup>7</sup> Caspar David **Friedrich** (1774-1840), desenhista, pintor, em especial de paisagem, gravurista e escultor que fez parte do grupo de românticos de Dresden, Alemanha. A mineração está presente ao longo de séculos nessa região. Friedrich é correspondente de Goethe e contemporâneo das teorizações oitocentistas sobre a cor. Joseph Mallord **William Turner** (1775-1851), pintor a óleo, aquarelista e gravurista, romântico londrino, foi denominado por seus contemporâneos de pintor da luz. Criou paisagens, marinhas, tendo sido um dos precursores da paisagem industrial. Dialogou com a arte oitocentista topográfica, a pintura setecentista flamenga e de paisagem italiana. Produziu *best-seller* oitocentista de literatura ilustrada de viagem. A *Tate Gallery* de Londres abriga conjunto expressivo de suas obras. O crítico John Ruskin exerceu importante papel de difusão de sua arte. Turner produziu a tela que se tornou ícone da campanha pela abolição da escravidão conhecida por Navio negreiro que foi apresentada na Exposição da *Royal Academy of Arts* de 1840. Ferdinand Victor Eugène **Delacroix** (1798-1863), pintor e crítico romântico francês retratou cenas da história e passagens literárias como o célebre quadro *A liberdade guiando o povo* (1830); recebeu várias encomendas oficiais para pinturas em monumentos e também para grandes residências francesas. *La Mer vue des hauteurs de Dieppe* (1852) é uma de suas paisagens. Gustave **Courbet** (1819-1877), pintor e escultor apoiado por Baudelaire expressou grande independência em sua farta produção. Admirador da força das mulheres e da natureza abriu várias possibilidades para a arte. Destacamos aqui a pintura de paisagem. Courbet participou da Comuna de Paris de 1871 tendo sido acusado e condenado por derrubar a Coluna Vendôme e terminou exilado na Suíça. Os ingleses o reabilitaram na década de 1970.

## SEGUNDA PARTE Produzir o conhecimento por imagens

### 6 A POESIA DE DRUMMOND E O HORIZONTE

Carlos Drummond de Andrade, célebre escritor brasileiro, evoca, em seu poema *Mapa Mundi*, a ligação com sua terra natal, a cidade de Itabira, grande exportadora de minério de ferro<sup>8</sup> e lugar de criação da transnacional Vale responsável pelos desastres citados. Sua escrita nos dá acesso ao trauma engendrado no seio da população pela derrocada do horizonte. O dogma da fixidez locacional, – quer dizer que onde há minério de ferro haverá exploração – bloqueia a imaginação dos habitantes e sua capacidade para pensar e deliberar sobre outros futuros possíveis.

O “corpo do poeta torna-se vetor de uma transmissão entre a linguagem e o mundo” (COLLOT, 2011, p. 17). A imaginação poética revela o “segredo” de Minas Gerais, o fardo de seu “destino” mineral soldado à sua toponímia.

Drummond, em seu poema *Mapa Mundi*, propõe um mapa e apresenta os elos que geram um espaço aberto ao mundo graças ao movimento das pessoas e dos minérios:

#### **América**

Uma rua começa em Itabira, que vai dar no meu coração.

[...]

Uma rua começa em Itabira, que vai dar em qualquer ponto da terra.

Nessa rua passam chineses, índios, negros, mexicanos, turcos e uruguaiois.

Seus passos urgentes ressoam na pedra,  
ressoam em mim.

(ANDRADE, 2012, p. 462-463).

Drummond nos fala da dissolução do horizonte e da derrocada do pico de Itabira, a paisagem de sua infância que deixou em seu corpo o miserável pó de ferro.

---

<sup>8</sup> Nascido na cidade de Itabira cujo pico foi completamente arrasado pela transnacional minerária Vale, antiga Vale do Rio Doce.

### **A montanha pulverizada**

Chego à sacada e vejo a minha serra,  
a serra de meu pai e meu avô,  
de todos os Andrades que passaram  
e passarão, a serra que não passa.

Era coisa dos índios e a tomamos  
para enfeitar e presidir a  
vida neste vale soturno onde a riqueza  
maior é sua vista e contemplá-la.

[...]

De longe nos revela o perfil grave.  
A cada volta de caminho aponta  
uma forma de ser, em ferro, eterna,  
e sopra eternidade na fluência.

Esta manhã acordo e não a encontro.  
Britada em bilhões de lascas  
deslizando em correia transportadora  
entupindo 150 vagões, no trem-monstro de 5 locomotivas

— O trem maior do mundo, tomem nota.—

foge minha serra, vai  
deixando no meu corpo e na paisagem  
mísero pó de ferro, e este não passa.

(ANDRADE, 2017, p. 61)

### **O maior trem do mundo**

O maior trem do mundo leva minha terra para Alemanha  
Puxado por cinco locomotivas a óleo diesel  
Engatadas geminadas desembestadas  
Leva meu tempo, minha infância, minha vida  
Triturada em 163 vagões de minério e destruição.

O maior trem do mundo  
Transporta a coisa mínima do mundo.  
Meu coração itabirano.

Lá vai o maior trem do mundo  
Vai serpenteando, vai sumindo  
E um dia, eu sei, não voltará  
Pois nem terra, nem coração existem.

(ANDRADE, 2012, p. 1450)

As imagens dos poemas de Drummond contribuem para formar uma visão de conjunto capaz de ligar o material, o local, o global, o subjetivo e o objetivo. Seu horizonte e sua paisagem natal balançam entre o limitado e o ilimitado, o próximo e o longínquo, a vida e a morte.

Na etimologia da palavra “horizonte” a palavra grega *Horaoo* significa cuidar da terra (FLECHEUX, 2009, p. 205). No presente, no Brasil, a atenção de proteger a terra mobiliza os povos originários e os incita a produzir narrativas e imagens que são uma das fontes simbólicas mais fecundas, face ao quadro de ataques locais por eles sofridos e a emergência climática.

## 7 A QUEDA DO CÉU

Em primeiro lugar, convém destacar que no Brasil, uma das vítimas diretas da exploração minerária é o povo originário, em especial, os do Estados de Minas Gerais e do Pará. A sua existência foi alvo dos desastres citados, em razão da morte do rio Doce (2015), Krenak e do rio Paraopeba (2019), Pataxó e Pataxó Hã-hã-hãe. Nessa direção, nós escolhemos, para concluir o texto, o livro escrito a quatro mãos pelo etnólogo Bruce Albert e o xamã Yanomani Davi Kopenawa. Sobre os Yanomani, Claude Lévi-Strauss escreveu em 1993:

[...] Antes mesmo da chegada dos brancos, (século XVI), a mitologia ameríndia dispunha de esquemas ideológicos nos quais o lugar dos invasores parecia estar reservado; dois pedaços da humanidade originários da mesma criação se encontravam para o melhor e para o pior. Essa solidariedade de origem se transforma, de forma emocionada, em uma solidariedade dos destinos, na boca das mais recentes vítimas da conquista, cujo extermínio prossegue, nesse exato momento, diante de nós. [...] O xamã yanomami não dissocia a sina do seu povo do restante da humanidade. Todos serão arrastados pela mesma catástrofe,

a não ser que se compreenda que o respeito pelo outro é a condição de sobrevivência de cada um (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 5).

Kopenawa, no capítulo “Ouro canibal” de seu livro intitulado *A queda do céu*, explica:

As coisas que os Brancos extraem com tanto esforço das profundezas da terra não são alimentos [...] elas devem lá ficar onde (Omama) as enterrou para nos proteger.

A floresta é a carne e a pele da nossa terra que é o dorso do antigo céu Hutukara caído no primeiro tempo. O metal que Omama ocultou nela é seu esqueleto que ela envolve de frescor úmido.

O que os Brancos chamam de « minério » são as lascas do céu, da lua, do sol, das estrelas que caíram no primeiro tempo. (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 473).

Por isso nossos antigos sempre nomearam esse metal branco mareaxi ou sitikarixi, que é também o nome das estrelas. Esse metal debaixo da terra vem do antigo céu Hutukara, que desabou antigamente sobre os nossos ancestrais. (ibidem, p. 477)

Omama escondeu seu metal lá no meio dos morros das terras altas, onde também fez jorrar os rios. É de lá que surgem os ventos e o frescor da floresta. É de lá que vem sua fertilidade. Quando fazemos dançar a imagem desse pai dos minérios, ela se apresenta a nós como uma montanha de ferro subterrânea, cheia de imensas hastes fincadas de todos os lados. Omama as colocou nas profundezas do solo para manter a terra no lugar e impedir que a ira dos trovões e dos raios a faça tremer e a desloque.

[...] Torna-a estável e sólida, como nosso pescoço faz nossa cabeça ficar reta. Sem essas raízes de metal, ela começaria a balançar e acabaria desabando sob nossos pés. (KOPENAWA, ALBERT, 2015, p. 358-9).

Utilizamos três registros diferenciados, o acadêmico, da etnografia e da literatura na tentativa de desconstruir pela imaginação, uma decisão política e deliberação econômica – a derrocada do horizonte – que é apresentada como o destino da paisagem.

Félix Guattari mostra que diante do mercado mundial e dos complexos militares-industriais – nos quais a exploração minerária desempenha importante papel – apenas uma articulação ético-política entre as dimensões da subjetividade humana, das relações sociais e do meio ambiente, pode permitir, como oposto de uma perspectiva tecnocrática, afrontar os desequilíbrios ecológicos. As noções de horizonte e de paisagem podem constituir um instrumento para ligar essas esferas.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Carlos Drummond. **Nova reunião. 23 livros de poesias**. São Paulo: Cia das Letras, 2015.

ANDRADE, Carlos Drummond; GUIMARÃES, Julio Castañon. **Poesia (1930-62)**. São Paulo: Cosac Naify, 2012.

BERQUE, Augustin. *La mésologie, pourquoi et pour quoi faire?* **Annales de Géographie**. França, v. 705, n. 5, p. 567-579, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/ag.705.0567>. Acesso em 02 mai. 2024.

BRECHIN, Gray **Imperial San Francisco: Urban Power, Earthly Ruin**. Berkeley: University California Press, 2006.

CAUQUELIN, Anne. **L'invention du paysage**. Paris: PUF, 2009.

COLLOT, Michel. *Horizon et structure de l'horizon*. Paris: Actes Sud/ENSP, 2011.

\_\_\_\_\_. **La Pensée-paysage**. Paris: Acte-Sud/ENSP, 2011.

\_\_\_\_\_. **Le Paysage: état des lieux**. Bruxelas: Ousia, 2005.

\_\_\_\_\_. **Poética e filosofia da paisagem**. Rio de Janeiro: Editora Oficina Raquel, 2013.

COMBES, Maxime. *La nouvelle ruée minière mondiale. Entretien avec William Sacher*. **Mouvements**, Paris, v. 67, n. 3, p. 168, 2011. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/mouv.067.0168>. Acesso em 28 abr. 2024.

CORBIN, Alain. **L'homme dans le paysage**. Paris: Textuel, 2001.

DAGOINET, François. **Mort du paysage?** Paris: Champ Vallon, 1983.

DENEAULT, Alain. *Les multinationales asservissent l'écologie: entretien par Emmanuel Dessen*. **EcoRev'**, Paris, v. 46, n. 1, p. 49-54, 2018. Disponível em: <https://doi.org/10.3917/ecorev.046.0003>. Acesso em: 28 abr. 2024.

\_\_\_\_\_. **Noir Canada: pillage, corruption et criminalité en Afrique**. Paris-Montreal: Les Éditions Écosociété Inc., 2008.

DENEAULT, Alain; SACHER, William. **Paradis sous terre: Comment le Canada est devenu une plaque tournante pour l'industrie minière mondiale**. Paris-Montreal: Les Éditions Écosociété Inc., 2012.

FLÉCHEUX, Céline. *L'horizon. Des traités de perspective au land art*. Rennes: PUR, 2009.

GRAHAM, Stephan. *Les mines et l'impérialisme vertical*. **Les Carnets du paysage**, Paris, v 34, n. 2, p.54, 2018. Disponível em: <https://www.actes-sud.fr/les-carnets-du-paysage-ndeg-34-sous-lhorizon>. Acesso em: 28 abr. 2024.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias (Les trois écologies)**. Trad. Maria Cristina F. Bittencourt. Campinas: Papirus, 1990.

GUDYNAS, Eduardo. *Extractivismos en America der Sur: conceptos y sus efectos derrame*. In: ZHOURI, Aandrea; BOLADOS, Paola; CASTRO, Edna. **Mineração na**

**América do Sul: neoextrativismo e lutas territoriais.** São Paulo: Annablume, 2016. p. 23-43.

HAROCHE, Claudine. **L'avenir du sensible.** Paris: PUF, 2008.

\_\_\_\_\_. *L'individu face à l'accélération.* In: AUBERT, Nicole. @ **la recherche du temps: Individus hyperconnectés, société accélérée.** Paris: Eres, 2018. p. 53-69.

IPHAN. PROCESSO DE TOMBAMENTO 0591-T-58. Conjunto Paisagístico da Serra do Curral, localizado no município de Belo Horizonte (MG). Rio de Janeiro: IPHAN, Arquivo Central, 1958.

KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. **La chute du ciel: Paroles d'un chaman yanomami.** Paris: Pocket, 2014.

\_\_\_\_\_. **A queda do céu: Palavras de um xamã yanomami.** São Paulo: Cia das Letras, 2015.

LATOURE, Bruno. **Face a Gaia. Huit conférences sur le nouveau régime climatique.** Paris: La Découverte, 2015.

MBEMBE, Achille. *Necropolitics.* **Public Culture**, Durham, v. 15, n. 1, p. 11-40, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1215/08992363-15-1-11>. Acesso em: 28 abr. 2024.

MUMFORD, Lewis. **The myth of machine: technics and human development.** Nova Iorque: Harcourt, 1967.

NIETZSCHE, Friedrich. **Humain trop humain.** Ed. Marc B. de Launay. Paris: Gallimard, 1968.

ROGER, Alain. **La théorie du paysage en France, 1974-1994.** Paris: Éditions Champ Vallon, 1995.

SAINT-GIRONS, Baldine. *Prefácio* In: FLÉCHEUX, Céline. **L'horizon des traités de perspective au land art.** Rennes: PUR, 2009. p.13.

SANSOT, Pierre. **Variations Paysagères.** Paris: Payot, 2009.

SERRES, Michel. **Le mal propre.** Paris: Le Pommier, 2008.

\_\_\_\_\_. **Le contrat naturel.** Paris: Flammarion, 1992.

SIMMEL, Georges. *Philosophie du paysage.* In: **La tragédie de la culture.** Paris: Rivage, 1988. p. 229-244.

STENGERS, Isabelle. **Au temps de catastrophes. Résister à la barbarie qui vient.** Paris: La Découverte Poche, 2013.

TOLEDO, Andre de Paiva; RIBEIRO, José Cláudio Junqueira; TOMÉ, Romeu. **Acidentes com barragens de rejeitos da mineração e o princípio da prevenção: de Trento (Itália) até Mariana (Brasil).** Rio de Janeiro: Lumens Juris, 2016.

WISNIK, José Miguel. **Maquinação do Mundo: Drummond e a Mineração.** São Paulo: Cia das Letras, 2015.

ZHOURI, Andréa. **A Insustentável Leveza da Política Ambiental. Desenvolvimento e Conflitos Socioambientais.** Belo Horizonte: Autêntica, 2018.

ZHOURI, Andréa; VALENCIO, Norma. **Formas de matar, de morrer e de resistir: Limites da resolução negociada de conflitos ambientais.** Belo Horizonte: UFMG/Humanitas, 2014.